

O ROMANTISMO DE TOLKIEN E LEWIS COM RELAÇÃO AO MUNDO NATURAL NO SÉCULO XX

Adelle Volpato Leria¹

INTRODUÇÃO

A relação entre o homem e a natureza é tão antiga quanto a própria humanidade. O homem foi moldado pelo ambiente ao seu redor e sua presença em tal ambiente também foi acompanhada de modificações.

Desde seus primeiros tempos, o *Homo sapiens* atua de forma direta no espaço natural por onde ele passa. Nesse sentido, algumas teorias paleontológicas dizem que o impacto deste em certos habitats era tão radical que levava várias espécies, tanto de animais quanto de plantas, do local à extinção – tanto que é atribuída a essa teoria a extinção do homo Neandertal, uma vez que estes eram coletores sedentários (que se estabeleciam em um local fértil e que fornecia uma gama suficiente de alimentos para a sua sobrevivência). Quando os *Homo sapiens* entravam em contato com o local, estes últimos devastavam as regiões nas quais aqueles viviam, deixando-os sem recursos e a mercê de sua própria sorte (HARARI, 2012).

Mas, por mais nociva que seja a relação do homem com a natureza, ela é necessária. Há aqueles que dizem que o homem se comporta para com a natureza como um vírus se comporta para com um corpo, destruindo tudo que há até que não reste mais nada a não ser a morte. Tal apologia não pode ser necessariamente negada, no entanto, é de se concordar que, mesmo sendo comparável a um vírus, o ser humano tem um senso de preservação muito grande e consciência de que sem uma relação saudável com a natureza a única certeza será a sua própria danação.

A relação do ser humano com o meio ambiente nunca fora tão danosa quanto nos séculos XIX e XX. Com o avanço da tecnologia se fez necessário também a busca pelos recursos e, devido a admiração com a modernidade, pouco se parava para refletir sobre os seus custos. Apesar dos estudos, o conhecimento do peso dos atos humanos na natureza era limitado e a conscientização geral mais limitada ainda.

Temos como exemplo clássico a seleção natural da borboleta *Biston betularia* em Manchester, na Inglaterra. Este inseto tem como hábito descansar nos troncos dos videiros que são muito comuns no país. No período anterior a Revolução Industrial a maior parte de sua população se consistia nas borboletas de asas claras, pois ao pousar nos troncos esbranquiçados das árvores as borboletas de asas escuras se tornavam muito evidentes para os seus predadores, os pássaros, vindo a sobreviverem menos. Porém, com o início da Revolução Industrial, a fuligem contaminou as árvores e estas passaram a ter uma tez mais escura na qual as borboletas de asas no mesmo tom puderam

Palavras - chave:
História Ambiental, literatura,
Tolkien, Lewis.

Resumo: O presente texto procura trazer uma discussão sobre a relação do homem com o meio ambiente que foi representada na literatura, tendo com foco as obras *O Senhor dos Anéis* de John Ronald Reuel Tolkien e *As Crônicas de Nárnia* de Clive Staples Lewis. Através deste trabalho busca-se compreender melhor a relação que a História Ambiental pode criar com os vários aspectos da sociedade, como, o aqui trabalhado, a literatura.

¹ Acadêmica do curso de História Bacharelado da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: adelle.vo.ler@gmail.com

se camuflar melhor, se tornando então a maior parte da população da espécie, uma vez que as borboletas com asas mais claras passaram a ser avistadas e devoradas pelos predadores. Este é um exemplo claro do impacto que a tecnologia, em função do homem, causa na natureza.

A conscientização deste impacto, no entanto, se tornou mais evidente somente décadas mais tarde, já no século XX, durante o período no qual emergiram as chamadas contraculturas. Os movimentos de contracultura ocorreram em vários países do mundo com suas formas distintas, sendo que o primeiro país onde se formou concretamente um corpo composto por vários grupos de contracultura foi os Estados Unidos da América.

Dentre esses vários grupos que compuseram o movimento de contracultura, se encontram os beatniks que posteriormente formaram um outro grupo, os *hippies*. O movimento *beatnik* já era adepto ao convívio mais profundo do homem com a natureza e o movimento *hippie* seguiu uma parte de seu legado tornando esse convívio muito mais profundo. Os *hippies* ressaltavam os malefícios que a vida moderna trazia não só para a natureza, mas como para o próprio homem, devido ao afastamento que foi se gerando ao longo do tempo entre os dois. Os *hippies* não pregavam necessariamente o afastamento completo da humanidade das cidades, mas sim uma forma mais natural de se viver e que trazia a natureza para o seu meio de convívio do homem.

Tal movimento de contracultura se iniciou em grande parte nas universidades, aonde já se faziam debates sobre o relacionamento entre o ser humano e o ambiente e o impacto que um gerava no outro. Alguns anos mais tarde, como Pádua comenta em seu texto *As bases teóricas da história ambiental*, se consolidou efetivamente os estudos sobre esta relação tão antiga e inevitável, dando início ao que veio a ser chamado de História Ambiental.

Segundo Pádua, o movimento histórico que aí se iniciava era mais que um movimento social e repercutiu nos mais variados campos do saber, pois

a ideia de “ecologia” rompeu os muros da academia para inspirar o estabelecimento de comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global. Mais ainda, ela penetrou significativamente nas estruturas educacionais, nos meios de comunicação de massa, no imaginário coletivo e nos diversos aspectos da arte e da cultura. (PÁDUA, 2010, p. 82)

Visando que, apesar da historiografia ambiental

e outros estudos sobre ecologia se tornarem mais consistentes a partir da década de 1970, já haviam certos pensamentos e estudos sobre os mesmos temas em tempos anteriores. Nesse sentido, vejo que é possível estabelecer uma relação ainda mais ampla ainda, na qual seria inclusa, além da história e da ecologia, a literatura.

A literatura é um tipo de arte e, como toda arte, expressa uma realidade social. Os artistas não são seres isolados e apáticos para com as suas sociedades e sua época, assim produzem em sua arte uma representação do mundo no qual eles vivem. Portanto, a literatura encontra sua razão de existir na necessidade de expressão de uma sociedade e tem como função prática a de problematizar o mundo real.

Se desde o início do século XX os sintomas da relação entre o homem e a natureza já estava se tornando mais evidentes, de alguma forma este assunto se fez parte da sociedade nas quais elas ocorriam, principalmente dentro do corpo acadêmico, uma vez que é dentro deste grupo que ocorrem uma grande parte dos debates científicos e foi através do mesmo que mais tarde se consolidou conceitos pertinentes sobre a relação do homem com o meio.

Foi na metade do século XX que dois intelectuais e escritores viveram e participaram de grandes mudanças que ocorriam no mundo naquela época, eram eles J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis. Apesar de dedicados a uma literatura fantástica, eles ainda assim atribuíam as suas obras certos aspectos e até mesmo críticas sobre a sua sociedade.

Como dito anteriormente, o impacto abrupto do homem para com a natureza se desenvolveu quando se fez necessário a alta demanda de recursos e materiais naturais em prol da tecnologia e da produção industrial. Como bem se sabe, o principal polo industrial no início do século XX foi a Inglaterra, progenitora da Revolução Industrial, e foi no seu ambiente que primeiro se notou a interferência desta nova economia mundial na natureza.

Acompanhando tais mudanças que ocorriam no ambiente do país no qual moravam, Tolkien e Lewis desenvolveram certa aversão a tais aspectos modernos, principalmente os com relação as cidades, pois é nas cidades que se apresentam os principais aspectos do desenvolvimento de uma determinada sociedade. Segundo Munford,

[...] as cidades são um produto do tempo. São os moldes dentro dos quais a existência dos homens se resfria e condensa, dando forma duradoura,

por via da arte, a momentos que, de outra forma, findariam com os vivos e não deixariam atrás de si meios de renovação e de participação mais ampla. Na cidade, o tempo torna-se visível: os edifícios, os monumentos, as vias públicas, mais claramente que o testemunho escrito, mais sujeitos ao olhar de muitos homens do que os artefatos dispersos do campo, deixam uma impressão nas mentes até mesmo dos ignorantes ou dos indiferentes. (MUMFORD, 1961, p. 14)

A sociedade britânica se tornava cada vez mais barulhenta, alvoroçada e poluída durante o século XX e isso desagrada tanto Tolkien quanto Lewis, os quais desenvolveram então certo romantismo, apresentando em suas obras uma sociedade na qual os indivíduos convivam em harmonia e cercados pela natureza e que, quando era apresentada, a tecnologia era sinônimo de destruição e até mesmo de corrupção.

O *Senhor dos Anéis* de Tolkien se passa em um mundo fantástico no qual os seus personagens vivem em equilíbrio com a natureza e as exceções são na verdade os vilões que usufruem dos benefícios da natureza para gerar a destruição, precisando assim serem derrotados. Por sua vez, As *Crônicas de Nárnia*, de Lewis, ocorre em um mundo no qual os seres humanos, chamados na história de filhos de Adão e filhas de Eva, convivem de igual para igual com os animais, chamados como narnianos, e quando não há esta igualdade se faz notar que algo está errado e precisa ser corrigido.

Os autores representam os indivíduos de sua época que não só notaram a influência do homem na natureza como também se colocaram contra essa atuação extrema. Lewis e Tolkien, assim como qualquer escritor, colocavam suas personalidades, seus conceitos e crenças em suas obras e, por sua vez, todas estas facetas foram parcialmente moldadas pelo meio social no qual viveram. Lewis considerava que o papel do homem para com a natureza era completamente oposto ao qual era frequente em sua sociedade, que o ser humano não deveria causar destruição, mas proteger o natural. E Tolkien considerava a natureza como uma fonte de magia, na qual o homem poderia entrar em contato com o magnífico e se misturar com ele. Os autores expressaram em suas obras, entre outros aspectos, o seu conceito sobre a relação entre o homem e o ambiente.

Tal vinculação que foi estabelecida entre história, literatura e história ambiental se dá pelo fato de que não existe história que não seja ambiental:

[...] existem historiografias que ignoram a dimensão ambiental mas quando você estuda a vida de qualquer sociedade, num lugar e num momento, essa dimensão ambiental é constitutiva da história. Não é um detalhe, ela é parte constitutiva da história. (PÁDUA apud CARVALHO; LAVERDI, 2014, p. 457)

Portanto, concluímos que os estudos sobre História Ambiental podem ser muito amplos, abrindo um leque de possibilidades que podem ser trabalhadas pelo historiador, podendo até mesmo ser trabalhada a relação do intelectual com os conceitos estudados e utilizados pela História Ambiental, uma vez que cada intelectual se trata de um fruto da sociedade e do ambiente no qual está inserido, sendo também uma representação da mesma.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Alessandra Izabel. LAVERDI, Robson. **A dimensão ambiental do conhecimento histórico: entrevista com José Augusto Pádua**. Revista História Regional, vol 19. 2014.
- HARARI, Yuval Noah. **Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre, L&PM. 2016.
- LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- MUMFORD, Luís. **A cultura das cidades**. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte. 1961.
- PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos avançados, no 24. 2010.
- TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes. 2009.
- _____. **O Senhor dos Anéis: As duas Torres**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- _____. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- _____. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- _____. **O Silmarillion**. São Paulo: Martins Fontes. 2009.